



DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea
Lua Cheia, Agosto de 2015, nº 195



Deusa Hathor, a vaca divina

por Vera Pinheiro

A deusa Hathor representa os princípios do amor, da beleza, da música, da dança, da alegria, da fertilidade e da maternidade, estando – por seu caráter maternal – nos polos da existência, responsável por auxiliar as mulheres durante o

parto e por receber os mortos na próxima vida, pois era ela quem acolhia os corpos e velava pelos túmulos e pelas almas.

Uma das divindades mais importantes e populares do Egito Antigo, venerada tanto pela realeza quanto pela população em geral, em cujas sepulturas é descrita como a “*Senhora do Ocidente*”, Hathor costuma ser representada como uma vaca divina, com chifres sobre sua cabeça, entre os quais está um disco solar com um uraeus, símbolo egípcio representando uma naja fêmea de olhos irados e pescoço inflado, que seria o fluido vital, o sopro da vida. A serpente de fogo concentraria em si as propriedades vivificantes e fecundantes do Sol, porém também capazes de matar, secando e queimando. Esse símbolo aparecia sempre na testa dos faraós, nos frisos dos templos ou nas cabeças dos deuses solares.

Para os antigos egípcios, as divindades se aglutinavam, mantendo atributos e mitos divergentes, que, entretanto, não eram vistos como contraditórios, e sim como complementares. Assim, Hathor é por vezes mãe, filha e esposa de Rá, assim como Ísis, que por vezes é descrita como mãe de Hórus e associada à Bast. Os gregos antigos identificavam Hathor com a deusa Afrodite e os romanos, com Vênus.

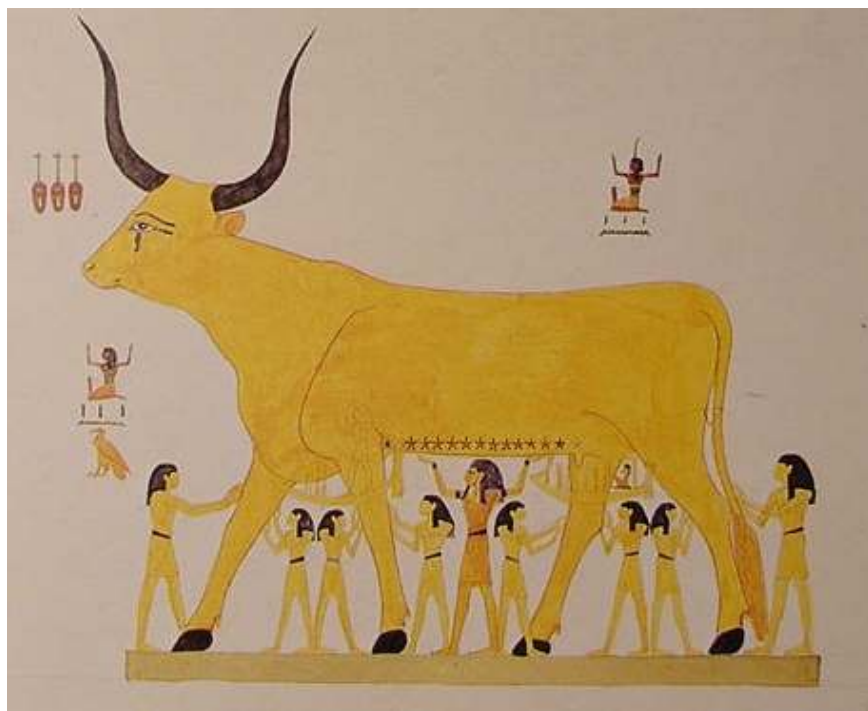
O culto a Osíris prometia vida eterna a todos que



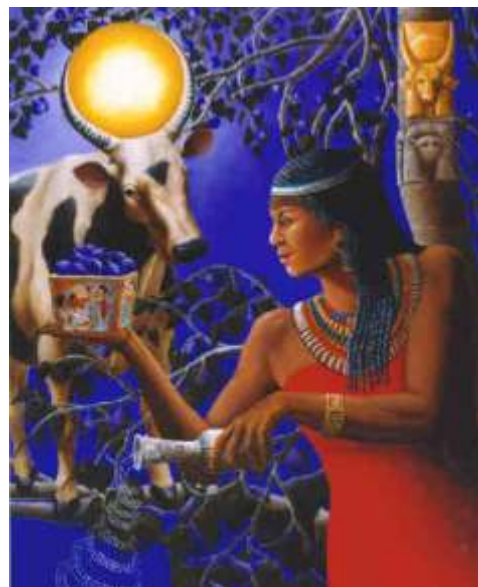
fossem julgados moralmente merecedores. Marido de Ísis e pai de Hórus, era ele quem julgava os mortos na “Sala das Duas Verdades”, onde se procedia à pesagem do coração. Originalmente os mortos, tanto homens quanto mulheres, tornavam-se Osiris após o julgamento, porém, no início do período romano as mulheres mortas passaram a ser identificadas com Hathor e os mortos do sexo masculino com Osiris.

Hathor tinha uma relação complexa com Rá, o deus do Sol no antigo Egito. Em um mito ela era seu olho e considerada sua filha. Depois, quando Rá assume o papel de Hórus em relação à monarquia, ela passou a ser considerada sua mãe, papel que teria absorvido a partir de outra deusa-vaca, “Mht wrt” (“Grande Enchente”), que teria sido mãe de Rá e o carregado entre seus chifres. Como mãe, dava-o à luz toda manhã no horizonte oriental e, como esposa, o concebia através da união com ele todo dia.

Hathor, juntamente com a deusa Nut, deusa egípcia que representava o céu e era significativamente invocada como a “Mãe dos Deuses”, era associada com a Via Láctea durante o terceiro milênio a.C., quando, durante o outono e nos equinócios da primavera, se alinhava com a Terra e a tocava no local onde o Sol nascia e se punha. As quatro patas da vaca celestial que representavam Nut ou Hathor, em alguns relatos podem ser vistas como os pilares sobre os quais o céu repousava, com as estrelas em sua barriga formando a Via Láctea, pela qual a barca solar de Rá, representando o Sol, navegava.



U m n o m e alternativo de Hathor, q u e perdurou por 3.000 anos, era Mehturt (também grafado Me h u r t , M e h e t -



Weret ou Mehet-uret), que significava “Grande Enchente”, e fazia referência a esta associação com a Via Láctea, que era vista como um canal de água que cruzava os céus, por onde navegavam tanto a divindade solar quanto a Lua, o que fazia com que os antigos egípcios a descrevessem como “O Nilo no Céu”. Por isso, com o nome Mehturt, ela era identificada como sendo responsável pela inundação anual do Nilo. Outra consequência de seu nome é que ela era vista como arauto de nascimentos iminentes, representando o momento em que o saco amniótico se rompe e libera suas águas, uma indicação de que o nascimento da criança está muito próximo.

Hathor era associada ao Menat, o colar musical que frequentemente era usado pelas mulheres. Um hino a Hathor diz: “Tu és a Senhora do Júbilo, a Rainha da Dança, a Senhora da Música, a Rainha da Harpa, a Senhora da Dança Coral, a Rainha dos Louros, a Senhora da Embriaguez Sem Fim”.

Essencialmente, era uma deusa da alegria e, como tal, era amada profundamente pela população em geral e reverenciada especialmente pelas mulheres, que aspiravam personificar seu papel multifacetado de mãe, esposa e amante. Nesta condição, ela conquistou os títulos de “Senhora da Casa do Júbilo” e “Aquele que Preenche o Santuário com Alegria”. O culto a Hathor era tão popular que diversos festivais eram dedicados à sua honra -

mais do que qualquer outra divindade egípcia - e mais crianças recebiam o seu nome do que qualquer outra divindade. Até mesmo o sacerdócio de Hathor era incomum, na medida em que homens e mulheres podiam tornar-se seus sacerdotes.

Uma narrativa mitológica, feita a partir da perspectiva do Baixo Egito, relata que Rá representava o faraó do Alto Egito, mas não mais era respeitado pelo povo do Baixo Egito, que deixou de obedecer a sua autoridade. O mito afirma então que Rá se comunicou através do terceiro olho (Maat) de Hathor, contando a ela que algumas pessoas daquele país planejavam assassiná-lo. Hathor ficou tão furiosa com o fato de que as pessoas que ela havia criado poderiam ser tão audaciosas a ponto de planejar isso que se transformou em Sekhmet (deusa da guerra do Alto Egito) para destruí-los.

Como Sekhmet, Hathor se tornou sanguinária e o banho de sangue foi imenso, pois nada podia pará-la. À medida que as mortes continuavam, Rá se deu conta da situação caótica na região e decidiu interromper Sekhmet, sedenta de sangue, derramando grande quantidade de cerveja com cor de sangue sobre o solo para enganá-la. Sekhmet então bebeu grande quantidade desta cerveja, imaginando ser sangue, e acabou por se embriagar, voltando à sua forma pacífica, como Hathor.

Na mitologia egípcia, Hesat (também Hesahet ou Hesaret) era a manifestação terrena de Hathor, a deusa-vaca divina. Como Hathor, também era vista como esposa de Rá. Nesta qualidade de versão terrena da deusa-vaca, dizia-se que o leite era a cerveja de Hesat (cujo nome significava "leite"). Como vaca leiteira, Hesat era considerada a ama de leite dos outros deuses, "*Aquela que Cria Todo o Alimento*". Assim, era retratada como uma vaca

branca que portava uma bandeja de comida sobre seus chifres, com leite escorrendo de suas tetas.

Nesta forma terrena também era, dualisticamente, a mãe de Anúbis, o deus dos mortos - já que, como responsável por alimentar, ela trazia a vida que Anúbis, como a morte, se apoderava. Como a manifestação terrena de Rá era o touro Mnévis, os três, Anúbis como o filho, Mnévis como o pai e Hesat como mãe, foram identificados como uma tríade familiar e cultuados como tal.

Para estabelecer uma conexão com Hathor no seu atributo de deusa do amor, convém lembrar que jamais devemos manipular pessoas e sim pedir a interferência divina no sentido de trazer para as nossas vidas a pessoa que seja a mais adequada, de modo a construir a nossa felicidade sem prejudicar ninguém. Assim, jamais devemos pedir à Deusa por nomes, mas por alguém que esteja destinado a fazer conosco uma união feliz e abençoada.

Para buscar os atributos da fertilidade e maternidade de Hathor, lembremo-nos que esse aspecto nem sempre é representado por filhos. Podemos gestar planos e projetos na mente, no coração e em nosso centro de poder feminino, e se forem bons para nós, para todos e para o Todo, a Deusa abençoa. Se não for assim, ela aguarda que tenhamos consciência de que todos nós somos um e que não devemos praticar a magia egoísta, mas em benefício de todos os seres.

Os aspectos de Hathor, zelando pelos nascimentos e conduzindo os mortos para a nova vida, e aí está o ciclo vida-morte-vida, nos dão a garantia de que estamos sempre amparadas, já que ela é a deusa das mulheres e das mães. No mais, é dançar com alegria a música da existência, abençoada por Hathor, revelando em nós toda a beleza de ser quem somos, mulheres e deusas em nossa divinal essência.





Maria,

É especialmente escuro o manto desta noite estrelada. Os sons urbanos fogem da sua janela e o pio das aves noturnas recorda ao seu coração a dor experimentada sob a mão da Guardiã do Portal do Oeste.


Entretanto, este ventre negro, tal qual o risco de um bordado, ou canção a ser composta, encontra-se prenhe de todas as possibilidades. Será sua a escolha entre perpetuar a noite em si, tecendo medos e forjando espinhos, ou abrir as janelas da alma para ser inundada de fogo divino logo que o Sol desponta no horizonte, exibindo uma página em branco que espera por sua sacolinha de palamas.

Eu, que sou a Mãe das mães, ofereço a você a nutrição que renova sua capacidade de amar, de fazer valer a oportunidade de trilhar este caminho. Use, amplie fronteiras com curiosidade e responsabilidade, pois também lá eu estarei, zelando dos limites. Aproprie-se das lições aprendidas e dos dons que recebeu, sendo assim um canal eficaz para que a luz se propague ao seu redor, levando a vida, o amor e a beleza onde quer que você vá.

Assim também será, quando você voltar para casa, pois é de meu seio que flui o leite doador da vida, o néctar que possibilitará que você renasça.

Bênção a sua vida com amor e força, para que você possa brilhar sem culpa, vivendo a história que escrever, livre dos padrões limitantes que tentam aprisionar você em uma manada. Basta abrir os olhos e acreditar. Espinal, já é dia, Maria!

Em bênçãos de Luz,

Aquele que é. 



Próximo Ritual
Celebração do Equinócio
Mistérios de Eleusis (Deméter e Perséfone)
Data: 23 de setembro de 2015, às 20h
Somente para mulheres

Os rituais da Tela de Thea acontecem na UNIPAZ - Brasília/DF
Energia de troca: R\$ 15,00
Não é permitida a entrada após o início do ritual

Expediente Jornal Deusa Viva
Edição e Diagramação:
Cristiane Madeira Ximenes e Stella Matta Machado
Textos: Vera Pinheiro e Maria Amaziles
Imagens da Rede Mundial de Computadores
Informações: www.teiadethea.org
Inês Souza: (61) 8233.7949
deusaviva@teiadethea.org